

Economia *Brasil*

e-mail: economia@jb.com.br

ENTREVISTA/ ROBERTO SETÚBAL

## “Não há tributação como aqui”

SÃO PAULO – O presidente do Itaú e da Febraban, Roberto Setúbal, disse, em entrevista exclusiva ao JORNAL DO BRASIL, que somente as reformas fiscal e tributária podem reorganizar o país e impulsioná-lo para o crescimento sustentável. Setúbal defende o desempenho do Banco Central, embora afirme que a CPI dos Bancos serviu para mostrar as deficiências de fiscalização no sistema financeiro. O dirigente destaca a atuação do presidente Fernando Henrique, que “tem feito um esforço extraordinário de melhoria da imagem do país no exterior”. Setúbal projetou uma taxa de câmbio em torno de R\$ 1,65; inflação anual próxima de 10% e juros entre 16% e 18% no fim do ano.

O banco apresenta hoje uma das maiores rentabilidades entre os grandes: 18,6% anualizada. O índice de solvabilidade, que demonstra a solidez da instituição, está em 21,3%, bem acima do mínimo exigido pelo BC. Sobre privatização, Setúbal surpreendeu ao dizer que não descarta uma parceria com outro banco na compra do Banespa. Especificamente a respeito de uma eventual aliança com o Bradesco, disse: “Acho uma fusão difícil, mas não impossível. Não acho fácil equacionar todos os interesses, mas não acho impossível isso acontecer.” O Itaú tem R\$ 54,5 bilhões em ativos, patrimônio líquido de R\$ 5,2 bilhões, 6,5 milhões de correntistas e 1.672 agências.

São Paulo – Armando Favaro



ANTONIO XIMENES E PAULA PAVON

– Como o senhor vê a questão da insuficiência fiscal e da carga tributária?

– Quando a gente computa todos os impostos da cadeia financeira, o conjunto disso não tem equivalente no mundo. Não há uma tributação tão elevada como aqui. É uma questão que onera muito mais o consumidor final, as empresas médias e pequenas. Tudo isso dificulta a integração financeira e o preço final dos produtos. A partir da questão fiscal resolvida, temos condições para viver melhor.

– Como o senhor analisa a política de redução de juros básico do governo? Está no ritmo certo, mesmo o banco central americano tendo sinalizado com viés de alta?

– O BC está sendo muito feliz na forma como vem conduzindo as taxas e com o cuidado que vem tendo com a política de atuar no mercado de câmbio. Ele não tem interferido no preço do câmbio. Acredito que esta é uma política inteligente. Acho que poderemos chegar numa taxa de juros no final do ano de 16% a 18% em termos nominais, o que significaria a menor taxa de juros nominais dos últimos 20 anos. É uma evolução grande, apesar de ser uma taxa alta se comparada com outros mercados.

– Como o senhor, sendo presidente da Febraban, analisa as reduções de taxas de juros promovidas pelos bancos para o cliente? As reduções não estão acompanhando o ritmo de queda promovido pelo governo.

– A taxa para o consumidor não está caindo tanto quanto o juro primário por causa da cunha fiscal, compulsórios e inadimplência. A inadimplência tem sido muito elevada. Outro fator é que no Brasil nós não temos informações de centrais de risco adequadas, além de haver uma tendência da área jurídica de proteger o mau pagador.

– Como o senhor vê o movimento da Fiesp em relação à reforma tributária?

– A reforma tributária é muito importante para o Brasil para equacionar de uma forma mais estável a situação fiscal do governo federal. Vamos ter uma grande discussão do volume a ser arrecadado. Desse total, quanto vai para os estados e municípios, quanto fica para o governo federal. De outro lado, quem vai pagar esse volume de impostos que o governo entende como necessário. Esse total de impostos terá que ser distribuído uma parte sobre consumo, salário, produção e não há como fugir disso. A questão é como distribuir isso de uma forma melhor que tenhamos a economia em condições de crescer. Acho que esse é o grande objetivo. O Brasil está disposto a enfrentar a reforma tributária, mas é só dentro do Congresso que isso poderá ser resolvido.

– Na sua avaliação, como está a imagem do país nos Estados Unidos e na Europa depois das crises sistêmicas?

– Nos últimos quatro anos, a imagem do país melhorou muito. Mas o Brasil ainda hoje paga um preço altíssimo pelo fato de ter declarado moratória no passado, e em função disso ainda paga juros muito elevados, mais elevados do que poderia pagar se não tivesse declarado a moratória. A cada crise que surge no mercado internacional que possa afe-

tar o Brasil, há sempre uma preocupação de uma atitude inadequada do governo brasileiro. Acho que o Fernando Henrique e o Pedro Malan têm feito um esforço extraordinário de melhoria da imagem no exterior.

– Quais são as suas projeções de inflação para 1999?

– A inflação tem sido uma surpresa altamente positiva nesta fase pós-desvalorização. Minha expectativa é que ela continuará em queda, o que cria a possibilidade do BC reduzir juros, mas não é só inflação, depende da questão fiscal. Acho 10% uma taxa de inflação bem provável para o ano.

– O banco apresenta uma rentabilidade anualizada de 18,6% sobre o patrimônio líquido consolidado. É a maior rentabilidade conseguida entre os grandes bancos de varejo? Quais são as operações de tesouraria que têm garantido este resultado?

– Não são operações de tesouraria que explicam este resultado. Este resultado vem sendo construído ao longo dos anos. O Itaú vem ano a ano conseguido rentabilidade mais elevada, o que mostra consistência de estratégias e de esforços. Não é um resultado que veio do acaso, de alguma operação de tesouraria ou de swap. É resultado de uma estratégia, de um crescimento do banco.

– O banco lucrou R\$ 761 milhões no primeiro trimestre, sendo R\$ 535 milhões com a desvalorização do real. Quais são os investimentos do banco no exterior e qual o montante?

– O Itaú tem investimentos da ordem de US\$ 1,5 bilhão no exterior, que em reais tiveram valorização bastante expressiva. Acharmos que era um número tão relevante que resolvemos destacar. É uma situação extraordinária. O Itaú tem bancos na Argen-

tina, em Portugal, em Cayman, em Nova Iorque e em Luxemburgo.

– Há perspectivas de abrir novas unidades?

– Não. Em termos de desenvolvimento no exterior nós estamos fundamentalmente concentrados em dar seqüência no nosso investimento na Argentina.

– O índice de solvabilidade de 21,3% do banco ficou bem acima do mínimo exigido pelo BC e bem acima do exigido pelo Comitê de Basileia. Como isso foi conseguido? – Este índice demonstra que o banco é muito sólido. Está com uma base de capital maior do que precisaria ter para o volume de negócios que ele faz hoje e significa que o banco pode crescer muito. De certa forma, esses recursos estão dentro do banco, não foram distribuídos aos acionistas para financiar o crescimento.

– Existe a possibilidade do Itaú e do Bradesco fazerem uma parceria para com-

prar o Banespa, ou outros bancos que serão privatizados?

– Acho uma fusão difícil, mas não impossível, até pela dimensão do Banespa e as dificuldades. Mas é uma questão ainda sujeita a se avaliar, principalmente pelas condições dos bancos a serem privatizados, e as dificuldades que vai nos levar a uma análise mais realista destas dificuldades. Não acho fácil equacionar todos os interesses, mas não acho impossível isso acontecer. O Itaú está de portas abertas, mas entende que tem condições de comprar o Banespa sozinho.

– Em junho vence o prazo de dois anos que impõe a manutenção da marca Banerj. A direção do banco pretende mantê-la? E em relação ao Bemge? Por que manter a cara de banco regional? Qual a vantagem?

– Ainda vamos manter o Banerj e o Bemge como marcas de bancos locais, enquanto a gente avalia que isso é importante e adequado. Não há nenhuma preocupação nossa em alterar esse quadro.

– Como o senhor imagina a agência do futuro?

– Eu vejo um banco do futuro cada vez mais se relacionando com o cliente não mais através das agências mas por centrais de telefone e Internet. Não temos visto nestes últimos anos uma expansão de redes. Apesar disso, o volume de transações de clientes têm aumentado progressivamente. O Itaú atende a mais de três milhões de clientes diariamente nas agências. O banco do futuro é um banco cada vez mais apoiado em atendimento sem o cliente precisar ir ao banco.

– Qual o patamar que o dólar pode chegar?

– A expectativa é que o dólar fique na faixa de R\$ 1,65 a R\$ 1,70, a não ser que haja um problema na bolsa americana, por exemplo. Se o Brasil conseguir fazer uma reforma tributária de peso, o dólar pode até cair mais que isso.

– Como o Itaú está se posicionando em relação à área da previdência?

– O Itaú tem feito um esforço muito grande na área da previdência que vai ter um crescimento grande nos próximos anos. Temos a Itauprev, que é a nossa companhia de planos de previdência e estamos num esforço grande na área de pessoas jurídicas. Estaremos lançando os novos serviços de crédito do mercado para empresas na área de previdência no início do próximo semestre.

– Quanto o banco investiu em tecnologia e infra-estrutura desde o início do Plano Real? Quanto vai investir neste ano e até o ano 2000?

– O Itaú investiu por ano R\$ 350 milhões nestes últimos três anos. A tendência é deste número aumentar. Em relação ao problema do bug, investimos cerca de R\$ 80 milhões no processo de reestruturação.

– Quais são as metas do banco para os próximos anos?

– O Itaú está com um programa de abertura de 60 agências até o primeiro semestre de 2000. A abertura de agências se dá em locais que estão em grande crescimento. Este crescimento é desigual e na medida que ele acontece o Itaú está sempre atento em preencher estas novas oportunidades que vão surgindo.